

José Lopes da Silva

# ESTUDO BÍBLICO DOCTRINA CATÓLICA

.....

## LIVRO DO PROFETA AGEU



José Lopes da Silva

**ESTUDO BÍBLICO  
DOCTRINA CATÓLICA**



**LIVRO DO PROFETA AGEU**

2021

Copyright © 2021 José Lopes da Silva

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem a prévia autorização, por escrito, de seu autor.

**1ª EDIÇÃO**

**DIAGRAMAÇÃO**

Cia Das Ideias | @cia.das.ideias

**IMAGENS**

[pixabay.com.br](http://pixabay.com.br)

[pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org)

# SUMÁRIO

.....

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO AO LIVRO DO PROFETA AGEU ..... | 5  |
| O profeta e seu tempo.....                | 6  |
| A OBRA.....                               | 7  |
| Estrutura.....                            | 7  |
| Temática.....                             | 7  |
| Mensagem teológica.....                   | 8  |
| ESTUDO DO LIVRO DO PROFETA AGEU .....     | 10 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....           | 14 |

# INTRODUÇÃO AO LIVRO DO PROFETA AGEU



Cronologicamente, Ageu é o primeiro dos profetas do período pós-exílico, seguido por Malaquias e Zacarias. A missão do profeta Ageu situa-se no segundo ano do reinado de Dario I (c. 520 a.C.), quando do domínio Persa no Oriente Médio, dezoito anos após o Edito de Ciro, que colocou fim ao exílio judaico (538 a.C.). Ageu é recordado junto com Zacarias no *Livro de Esdras* (5,1; 6,14) por ocasião do início dos trabalhos para a reconstrução do Templo de Jerusalém em 520 a.C.

A etimologia do seu nome é *bag*, do hebraico, que significa “alegria”, “nascido em dia de festa”. E pode ser interpretada como um sinal de seu ministério profético. A mensagem de Ageu, de fato, é orientada ao otimismo e encorajamento na reconstrução do Templo de Jerusalém e a sua abertura ao Messias, sinais de *feira* para o povo bíblico.

Pelas perguntas dirigidas aos sacerdotes (2,11-14) se pode deduzir que Ageu não pertencia à classe sacerdotal. Todavia, o tom retórico com o qual as formula demonstra que o profeta conhecia muito bem a Lei à qual faz referência (Lv 5,2; 11,24-25.32-35; 22,4-6), como também as tarefas confiadas aos sacerdotes (Lv 10,10-11). De todo esse interesse pelo Templo e pelo culto, supõe-se que era muito próximo do ambiente sacerdotal.

## O profeta e seu tempo

Diferentemente dos outros profetas, despreocupados com exatidões históricas, o *Livro de Ageu* é muito preciso na datação dos anos, dos meses e até mesmo dos dias de seus feitos. Duas datas são particularmente importantes: *o primeiro dia do sexto mês* (1,1), mais ou menos metade de agosto, e *o vigésimo primeiro dia do sétimo mês* (2,1), por volta da primeira metade de outubro.

Nessas datas ocorreram duas festas tradicionais: a primeira é a festa da lua nova, que marca o início dos meses (Nm 10,10; 28,11-15); a segunda, a festa das cabanas, cuja duração era de uma semana (Lv 23,33.42; Nm 29,12-39). Essas festas atraíam muita gente a Jerusalém e o profeta, então, tinha a oportunidade de anunciar a muito mais pessoas, pois durante os dias festivos elas ficavam certamente bem mais abertas ao anúncio.

Outro marco no ano de 520 a.C., *no segundo ano do reinado de Dario* (1,1), é bastante útil para se compreender a mensagem de Ageu. Dario I subiu ao trono em 521, mas seu reinado no início foi bastante conturbado por rebeliões internas. A insegurança persa gerada por esses movimentos pode ter sido para Ageu uma ulterior motivação para a retomada dos trabalhos de reconstrução do Templo de Jerusalém. Com esse estímulo, o profeta exortou Zorobabel, último dos descendentes de Davi, a dirigir a reconstrução do Templo e da cidade de Jerusalém.

Essas referências temporais nos induzem a datar o ministério de Ageu em torno do ano de 520 a.C. Difícil, contudo, é identificar o tempo de composição de sua obra. Ageu se exprime constantemente não em primeira pessoa, mas em terceira. Isso nos leva a crer que a redação final do livro pode ter sido feita por um compilador, que teria recolhido os oráculos pronunciados pelo profeta, redigindo-os numa estrutura narrativa e cronológica.

## A OBRA

### Estrutura

- Exortação à reconstrução do Templo de Jerusalém (1,1-15).
- Profecia sobre o esplendor futuro do Templo (2,1-9).
- Denúncia da impureza do povo (2,10-14).
- Promessas de prosperidade (2,15-19).
- Presságios escatológicos para o eleito (2,20-23).

### Temática

Podemos organizar o conteúdo da obra de Ageu em três partes.

A causa das adversidades por que passava o povo seria o atraso na reconstrução do Templo (1,2-15). O profeta, então, promete que no futuro Deus abençoará todos os que contribuísem para a reconstrução de sua casa (2,15-19).

Zorobabel (autoridade civil) e Josué (autoridade religiosa) são encorajados a guiar os trabalhos de reconstrução. Ageu argumenta que a grandiosidade do Senhor garante o trabalho: o novo Templo será mais glorioso que o primeiro, porque está ligado mais intimamente à presença de Deus (2,1-9). Zorobabel será o representante de Deus e guiará o povo a uma vitória sobre todos os seus inimigos (2,20-23);

Depois de três meses de trabalhos, as dificuldades não paravam de crescer, pareciam insuperáveis, apagando qualquer confiança do povo. O profeta, mediante uma série de perguntas dirigidas aos sacerdotes, explica que a indignidade dos construtores torna impuro tudo o que tocam e impede a construção do edifício sagrado (2,10-14).

## Mensagem teológica

A primeira linha teológica de Ageu é sem dúvida sua exortação à coragem. A comunidade não viu acontecer as prodigiosas profecias do Dêutero-Isaiás (Is 40-55). A prometida “estrada no deserto” não foi tão simples de ser executada. Ademais, o povo encontrava-se dividido; a parcela da população que não foi ao exílio não acolhe com bons olhos o retorno dos irmãos. Muitos judeus preferiram permanecer na Babilônia, agarrados a seu bem-estar. É nesse contexto que Ageu profetiza: *Tem ânimo! Coragem todos vós, habitantes da terra. Mãos à obra. Eu estou convosco* (2,4).

Para Ageu, Deus é bem maior que as dificuldades, Deus supera qualquer desânimo. O convite ao trabalho é o de não cruzar os braços diante dos problemas. Ageu tenta tirar do olhar do povo a opacidade da decepção. Olhar ainda hoje presente na nossa gente. O profeta sabe que não deve centrar sua pregação na condenação dos erros do povo. Saber-se errado é fácil para uma gente que perdeu Templo, casa, dignidade. É tempo de *juntar cacos*, de confiar, contra toda desesperança.

Nesse contexto, não cabe egoísmo. A casa do Senhor deve ter preferência sobre a construção das casas do povo: *Então, é o momento de habitardes em casas confortáveis, estando a casa de Deus em ruínas?* (1,4). Será também a mesma exortação que Jesus fará aos discípulos para buscar, antes de tudo, o reino de Deus e, depois disso, tudo mais será dado em acréscimo (Mt 6,33).

O tema do messianismo também é muito forte em Ageu. Símbolo do Messias é Zorobabel, descendente de Davi: *Eu te tomarei, ó Zorobabel, filho de Salatiel, meu servo, e te conservarei [...] porque é a ti que escolhi* (2,23).

A mensagem de Ageu é caracterizada ainda por uma forte tensão escatológica, convicção da intervenção de Deus na história. Ageu diz que viria o tempo em que o Senhor faria plenamente sua justiça.

O profeta, seguindo a linha apocalíptica, apresenta a intervenção divina com bruscas mudanças cósmicas: *Ainda um tempo e eu abalarei céus e terras, mares e continentes* (2,6). É como se Deus recriasse o Universo. É sem dúvida a espera de uma intervenção radical que somente a fé pode nos fazer esperar.

# ESTUDO DO LIVRO DO PROFETA AGEU



**Título do livro (Ag 1,1).** Com o estilo de uma crônica é informada a identidade do profeta e dos destinatários do primeiro oráculo. Nada mais se sabe sobre Ageu. Supõe-se que se tratava de um profeta cultual de Jerusalém.

**Primeiro oráculo (Ag 1,2-15).** Passaram vários anos desde que Ciro, rei persa, assinara o edito que autorizou o regresso dos exilados a seus lugares de origem. Os hebreus regressaram a Jerusalém acompanhados por Zorobabel como governador e por Josué como sumo sacerdote. O ânimo e o espírito inicial eram reconstruir tanto a cidade quanto o templo. Não obstante, aquele primeiro impulso vai se perdendo, e a realidade com que se encontram é muito diferente: falta de meios, confrontos e acusações mútuos entre os que regressaram e os que ficaram na cidade; finalmente, a letargia própria de uma religião que fora abalada violentamente.

A estratégia de Ageu é animar todos os fiéis a colocar a mão na massa para a reconstrução do templo, como base principal para que Deus comece a cumprir suas promessas:

1. mostrar sua glória (v.8) para dar sentido a uma vida que se movimenta muito sem conseguir praticamente nada, vivendo em casas cobertas, ao passo que o templo se acha em ruínas (vv.4-6);
2. abençoar a terra e seus habitantes com abundância de frutos,

até agora ausentes devido à carência do templo e da presença de Deus (vv.9-11). Os vv.12-15 registram o efeito produzido pela pregação do profeta. Poucos, ou quase nenhum profeta, obtiveram um resultado tão imediato em sua pregação.

**Segundo oráculo (Ag 2,1-9).** De novo, e apesar da notícia de Ag 1,12-15, de que foram começadas as obras, o profeta apela aos dirigentes do povo para animá-los no empreendimento da reconstrução. Há uma garantia por parte de Deus: ele, que os acompanhou desde a saída do Egito, ainda está com eles (v.5); não mudou de parecer e, sobretudo, nunca o derrotaram. Para muitos crentes, o Senhor fora derrotado e humilhado pelos babilônios, daí a explicação de Ageu. Ele continua exercendo seu senhorio universal, que se poderá ver de modo patente quando todos os povos vierem a Jerusalém para se prostrar diante de Deus trazendo seus bens e riquezas (vv.6-8). O objetivo final é a paz que Deus outorgará a partir desse lugar santo (v.9).

**Terceiro oráculo (Ag 2,10-19).** Certamente as obras não avançavam no ritmo que o profeta queria: nada do que disse se cumpria. Diante do desânimo, da negligência e da apatia, o profeta atira-se com outro oráculo: tudo continua impuro por causa do povo. Desde que iniciaram a obra havia começado a operar a bênção (v.19), assim, não devem desanimar.

**Quarto oráculo (Ag 2,20-23).** Promessa dirigida expressamente a Zorobabel, descendente davídico sobre quem estavam postas as esperanças de restauração da dinastia davídica, sobretudo, de restabelecer os princípios das esperanças messiânicas. Os signos cósmicos do impacto universal anunciam com antecipação o avanço seguro do Senhor Todo-poderoso, que tomará posse novamente de seu templo e governará por meio de Zorobabel.

Pois bem: era precisamente isso que o Senhor prometera tantas vezes

por meio de seus profetas a seu povo, a seu resto fiel? Em absoluto! Precisamos entender que os profetas são homens limitados, condicionados por seu tempo, seu lugar e suas circunstâncias e que, convencidos de anunciar e promover a vontade de Deus, muitas vezes fizeram o contrário. Como qualquer um de nós, eles também tiveram suas ambiguidades. Um par de exemplos nos ajudará a compreendê-lo melhor. Samuel, juiz e profeta dos últimos tempos da época tribal, identifica-se com a ideologia monárquica quando unge Saul (1Sm 10,1). Depois, tem a coragem de se retificar e destitui Saul (1Sm 15), mas para ungir Davi (1Sm 16,13). Samuel agiu com a melhor intenção, buscava o melhor para o povo em sintonia com a vontade do Senhor; mas com tais ações, no fundo, estava legitimando em nome do Senhor um antiprojeto, por mais que antes de ungir o rei tivesse apresentado de maneira clara os riscos e perigos que Israel, organizando-se como monarquia, iria correr (cf. 1Sm 8,10-19).

O segundo exemplo é Natã, o profeta pró-monárquico do partido de Davi. Embora seja conhecido como valente profeta, que falou ao rei claramente sobre o pecado de abuso de poder através da parábola da ovelhinha do pobre (2Sm 12,1-12), também passou para a história pela chamada profecia ou promessa davídica (2Sm 7,16), que não só legitima o poder e a realeza de Davi, mas também sua exclusiva perpetuidade no trono através de um descendente seu.

A ambiguidade, pois, nunca vai deixar de ocorrer. Esses homens de Deus terão, como todo israelita, clara consciência do perigo estrutural que corrói a nação, e por isso uma das características próprias dos profetas de Israel será a de ser a consciência crítica do rei. Mas quase nunca falarão contra a monarquia como estrutura daninha e pernicioso. Sonhavam com a ascensão ao poder de um novo Davi, mas não conseguiam sonhar com a abolição completa da estrutura monárquica.

Recordemos que o profeta Ageu exerce seu ministério em uma época em que já não existe monarquia, mas na qual ainda se pensa no descendente davídico; em seu caso muito à mão, Zorobabel, sua presença e parentesco com Davi mantêm viva a esperança do restabelecimento de uma monarquia “corrigida”. Mas, para o momento, faz-se mais necessária a recuperação de outra instituição imprescindível para Israel: o templo. Por mais que a realidade vivida faça pensar em um Deus vencido, submetido e derrotado, os profetas do período pós-exílico se esforçarão ao máximo para vencer essa ideia: ainda se pode contar com o mesmo Deus que os tirou do Egito, suas intenções e o compromisso com seu povo continuam vigorando. Ageu não encontra um caminho mais adequado para o exercício de seu ministério do que a conjuntura da necessária reconstrução do templo, e cerca a restauração deste com uma série de vantagens e benefícios colocados na boca do Senhor. Mas nem por isso pode deixar de lado sua opção pelos empobrecidos; ele mesmo reconhece que com eles, os despossuídos, poderá se encarregar da tarefa. Por esse meio também será mostrada a importância teológica do *resto*. Em suma, do mínimo e irrisório: o novo templo, embora pequeno e modesto, será ainda mais glorioso que o anterior. Será também imagem do povo: embora pobre e deserdado, será agora sim glorioso, pois inaugura uma nova época.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA ANOTADA - Editora Mundo Cristão, 1991

A BÍBLIA DE JERUSALÉM - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DO PEREGRINO - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS - Editora Difusora Bíblica, 1998

BÍBLIA FÁCIL - Centro Bíblico Católico, 2001

BONORA, Antonio *et al.* *Vademecum para o Estudo da Bíblia*. Edições Paulinas, 2000

DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. *Metodologia de Exegese Bíblica*. Edições Paulinas, 2000

DRANE, John *et al.* *Atlas da Bíblia*. Editora Paulus, 2004

SESBOÛE, Bernard *et al.* *História dos Dogmas*. Editora Loyola, 2005.